

A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E A CAJUCULTURA EM SEVERIANO MELO-RN

Fernando Tásio Rêgo de Oliveira
Graduado pelo CGE/CAMEAM/UERN
fernandotasio@hotmail.com

Rosalvo Nobre Carneiro
Professor Dr. do CGE/CAMEAM/UERN
rosalvonobre@uern.br

Resumo:

O presente trabalho discute a produção do espaço e a cajucultura de Severiano Melo-RN, e como o espaço se transforma a partir da produção e reprodução de uma economia. Assim a cidade de Severiano Melo-RN, vem ganhando status econômicos no cenário dos grandes produtores de castanha de caju, gerando emprego e renda para a população. Para uma análise da produção foi elaborado um levantamento de dados primários, secundários e um questionário de pesquisa, aplicado em lócus junto ao produtor. O trabalho baseia-se em Rossini (2009) com a produção do novo espaço rural, Carneiro (2006) trabalhando a produção do espaço e os circuitos de fluxos. Para Severiano Melo a cajucultura é sua principal fonte econômica, apresentando uma área produtiva de 6.735 hectares, uma produção média anual de 2.255 toneladas por safra. Os resultados mostram o tamanho da dependência da cidade em relação à cajucultura, sendo o comércio os serviços disponíveis, os empregos, às cidades circunvizinhas, todos esses dependentes dessa produtividade para seu desenvolvimento, e seu avanço na economia local. Tudo isso caracteriza Severiano Melo com uma economia que se destaca no cenário das grandes produtoras de castanha de caju do estado do Rio Grande do Norte. Mesmo neste cenário de crescimento econômico da cidade, esta produção se inclui no circuito inferior da economia, em virtude de apresentar elementos e características, que incidem diretamente na organização e na produção dos espaços produtivos, havendo uma má distribuição de renda, e uma desorganização na venda do produto.

Palavras-chave: Espaço. Cajucultura. Severiano Melo.

THE PRODUCTION OF A SPACE AND CAJUCULTURA SEVERIANO MELO-RN

Abstract:

This paper discusses the production of a space and cashew-culture in Severiano Melo, RN, and how that space is transformed by the production and reproduction of this economy. So the town of Severiano Melo(RN) gets economic status in the scenario of big producers of cashew nuts, generating jobs and incomes to the population. To do the analysis of production we did a research of primary data. After that we did a survey questionnaire and applied to the locus producer. The work is based on Rossini (2009) with the production of new countryside, Carneiro (2006) working on the production of space and flow circuits. Cashew-culture is the economic source in Severiano Melo, it produces an area of 6,735 hectares, an average annual production about 2,255 tons per season. The results show the size dependence of the city in relation to cashew-culture, trade and services available, jobs, the surrounding towns, all of them dependent from their development productivity, and advancement in the local economy. All this characterizes Severiano Melo as an economy that stands out in the scenario of large producers of cashew in the state of Rio Grande do Norte. Despite of this scenario of economic growth the city's production is included in the lower circuit of the economy, due to present elements and characteristics, which directly affects the organization of production and production spaces, with an unequal distribution of wealth, and a disruption in selling the product.

Keywords: Space. Cashew-culture. Severiano Melo Town.

1 Introdução

O Rio Grande do Norte se destaca entre os demais estados do país por sua produção de castanha de caju em larga escala, com área de cultivo em 2009-2010 de 118.295 hectares e uma produção média de 45.000 toneladas (CONAB, 2009-2010). Dentro do estado se destaca a cidade de Severiano Melo, que na safra 2009-2010 delimitava uma área produtiva de 6.735 hectares e uma produção média de 2.255 toneladas por safra, se tornando o maior produtor da microrregião de pau dos ferros e um dos maiores do estado.

O cajueiro (*Anacardium occidentale* L) pode ser facilmente cultivado principalmente em regiões de clima quente e seco, sendo de fácil manejo e pouco exigente em cuidados especiais, oferecendo diversas opções de consumo de seu fruto: a castanha de caju, como o suco, doce, sorvetes, a amêndoa da castanha e até o caju *in natura*. Por essa facilidade no cultivo e por apresentar clima preponderante para a produção de castanha de caju, Severiano Melo-RN, vem se destacar na lista dos grandes produtores, movimentando renda e emprego para a população.

A movimentação da produção dentro da cidade, quanto para outras, como Itaú, Rodolfo Fernandes, Mossoró, ocorre a partir de um fluxo migratório tanto da produção como de trabalhadores utilizados na cajucultura. A produção é escoada para estas, em virtude de disporem de indústria, capaz de absorver a produção de castanha para ser beneficiada e vendida para outros espaços consumidores. Gerando consigo gradativamente uma movimentação econômica nas cidades e no município produtor. Essa produção tem-se efetivado nos últimos 10 anos, com o aumento do preço do produto e a abertura e expansão do comércio.

O município de Severiano Melo (RN), desde sua criação em 03 de dezembro de 1963, já produzia a castanha de caju, mas em menor escala, onde se destacava no território a criação de gado e a policultura do feijão, milho, algodão e a própria carnaúba, sendo estas as principais atividades realizadas no município. Mas com a desvalorização destes produtos e a valorização da castanha de caju no mercado, nos últimos anos, vem-se alterar o espaço econômico. O comércio e os serviços e o próprio desenvolvimento da cidade a mercê dessa economia que ao expandir-se, engloba outras cidades, transformando-se em um alto produto de mercado, derivado de sua aceitação no comércio, onde muitas vezes a procura e a demanda são superiores a produção, ocasionando um aquecimento econômico na área produtora.

A cajucultura é uma atividade tradicional do nordeste antes pouco comercializada, mas com o passar do tempo essa atividade foi se expandindo por todas as regiões e tornou-se um das principais economias do nordeste, principalmente com os fluxos de pessoas e capital sobre essas áreas produtoras.

Assim com o aumento dos fluxos entre as cidades conseqüentemente as movimentações econômicas vão serem maiores, onde cada uma continua com suas relações com outras cidades tanto econômica, social como politicamente, a alterar os tipos de atividades principais vigentes como a carnaúba, milho, feijão e o algodão, passando a ganhar outras atividades como a da cajucultura, uma base econômica importante, modificando os espaços econômicos dando um maior dinamismo, “excluindo” as velhas formas de produção, o uso de foices e enxadas, utilizando de novas como o trator e o motosserra, tanto para os espaços produtivos, como para os espaços comerciais. Para Carneiro (2006, p.38), “[...] o número de fluxos mais intensos e variados entre as formações sócioespaciais contribui para alterar as características das atividades produtivas tradicionais”. Como visível a produção de castanha de caju em Severiano Melo-RN, um espaço de crescimento, com perspectivas de uma economia sólida.

Essa economia movimenta não somente a própria cidade, mas as circunvizinhas, como é o caso de Itaú-RN, Rodolfo Fernandes-RN, Mossoró-RN e Serra do Mel-RN. Essas tem a

necessidade de absorver essa produção para seu beneficiamento, obtendo a oportunidade de lucrar e de empregar a população local, graças a uma produção advinda de outra cidade. A partir de associações criadas por produtores destas cidades, com o intuito de melhorar o preço, beneficiar a própria produção, gerar renda e emprego. Essas cidades mantêm relações diretas com o intuito de manter os fluxos e as relações de compras e trocas de mercadorias com outras cidades. Severiano Melo produz e vende a estas, já que não dispõe da indústria e mercado consumidor para beneficiar sua produção, já que estas dispõe de todo um processo de industrialização e comercialização da produção. Além dessas cidades, a produção é escoada para grandes centros urbanos, como é o caso de Fortaleza-CE, Aracati-CE, Serra do Melo-RN, Natal-RN, Salvador-BA, Feira de Santana-BA, João Pessoa-PB, Aracaju-SE, Maceió-AL. (figura 01).

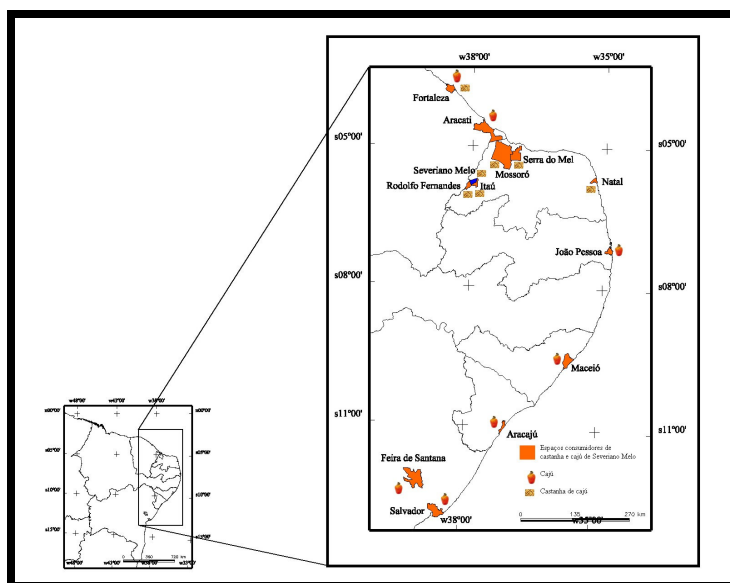


Figura 01: Principais centros comerciais da cajucultura de Severiano Melo-RN
Fonte: Elaborado a partir dos dados da pesquisa de campo (Marco de 2011).

Utilizando-se de autores como Santos (1979), Andrade (2005), Carneiro (2006), Oliveira (1981), Rossini (2009) e Cunha (2008). Em seguida feito um levantamento de dados primários e secundários para dar Mais argumentos ao trabalho. Para identificar à problemática do trabalho, torna-se de suma importância a elaboração de questionários e entrevistas aos produtores rurais. Essa entrevista foi realizada em locos junto ao cajucultor com uma boa aceitação dos produtores em responder o questionário. Em seguida foram analisados os dados obtidos e conseqüentemente gerados os gráficos relativos os questionários. Torna-se essencial uma base de pesquisa sobre o que está sendo debatido e questionado, pois para Kuhn (apud Santos, 1979), quando diz que “as ciências não evoluem pelo acúmulo de experiências baseadas em realidades históricas ultrapassadas, mas pela descoberta de novas formas de abordagem em função das realidades do presente”.

2 A produção do espaço e agricultura: breves considerações

Nos tempos passados, o homem retira da natureza somente o essencial para sua sobrevivência, atuava apenas como um agente protetor. Trabalhava apenas com uma agricultura de subsistência, voltado para o consumo, trabalhando em áreas já conhecida, sem reproduzir o espaço. Com o passar dos tempos o homem vai aprimorando novas técnicas e

querendo ampliar sua produção. A partir disso começa a modificar o meio em benefício próprio, em busca de novas fontes econômicas. Assim conforme Rossini (2009, p. 6), “Nos primórdios da existência humana o homem retirava da natureza apenas o que necessitava para a sua sobrevivência, submetendo-a e adaptando-se a ela. À medida que evoluiu, técnica e cientificamente, o homem foi atingindo novos estágios [...]”. (ROSSINI, 2009, p.06).

A produção de espaço dar-se de acordo com a necessidade de desenvolvimento do homem, frente suas necessidades de vida. Assim ele modifica seu próprio espaço, tanto físico como natural. “A produção do espaço é resultado da ação dos homens agindo sobre o próprio espaço, através dos objetos, naturais e artificiais” Santos (apud Carneiro, 2006, p. 23). Essas mudanças beneficiam diretamente o homem, criando melhores condições de vida.

Com o passar do tempo, vai-se alterando e produzindo novos espaços, cada um de acordo com suas necessidades. Nesse período novas relações de trabalho são criadas, sendo alterados os modelos produtivos, passando a utilizar de novas técnicas e tecnologias, organizando um novo espaço produtivo, de acordo com as relações estabelecidas neste tempo.

Em cada período há uma determinada forma de produção e de organização espacial, de inter-relação entre determinado sistema de objetos e sistema de ações, diferindo em intensidade e qualidade, em seus processos e arranjos espaciais [...]. (CARNEIRO, 2006, p. 27)

No momento em que o homem utiliza-se de suas técnicas para modificar o espaço natural de acordo com suas necessidades, planta, colhe e trabalha a sua maneira, cria suas próprias relações de trabalho e designa o desenvolvimento econômico de uma região.

Na medida em que transforma a natureza, criando os produtos de suas necessidades, o homem planta e resolve a terra, dando-lhe um outro significado em consequência de seu cultivo: a escolha do que nela será plantado, da técnica, das ferramentas e da relação de trabalho[...]. (ROSSINI, 2009, p. 06).

O homem utiliza de seu poder de transformar o espaço para elevar o desenvolvimento de uma dada área. Assim contribui não somente para si, mas para toda uma sociedade dependente dessas transformações espaciais. Para Carneiro (2006, p. 24), “Pode-se afirmar então que a produção do espaço é social, ainda que, muitas vezes, resulte de ações individuais, envolvendo uma miríade de agentes sociais”. Onde facilmente o homem pode levar ao campo um tipo de agricultura que em certo lugar gere lucro e rentabilidade, que obtenha capital, tendo mão-de-obra, e máquinas para a utilização no campo. Os modelos de produção antes adotados, como a troca da foice pelo motosserra, da capinadeira pelo trator, da enxada pelo arado, são formas de produzir e de alterar um determinado espaço.

O homem altera o espaço individualmente e socialmente, caracterizando por uma política capitalista, desenvolvida a partir de uma visão de crescimento e lucro, alterando o espaço e o meio, ligando um lugar a outro como redes comerciais, baseado em atividades produtivas e bens lucrativos, reproduzindo uma área antes não utilizada ou que gerava pouca renda. Tudo isso dominado por uma pequena parcela de pessoas que dominam o capital e redirecionam todo um processo produtivo.

O espaço é político e não é um objeto científico desnortado pela ideologia ou pela política; isso, porque ele tem sempre sido político e estratégico. A esta produção do espaço, entendida como processo de (re)produção das relações capitalistas de produção, se premiam grupos particulares que se apropriam do espaço para administrá-lo e explorá-lo.[...] (LEFEBVRE apud

CUNHA, 2008. p. 05).

A partir das tecnologias utilizadas para o desenvolvimento do campo ou de toda uma rede urbana fornecida pelo capitalismo, sendo o resultado direto de uma modernização, capaz de aumentar sua margem de lucro e manter seu foco sobre uma prosperidade de crescimento. De outro lado, o resultado indireto da modernização, ou de velhas economias baseadas somente nas atividades de pequena dimensão, voltada totalmente para as populações pobres. Assim está definido o aparelho econômico, distribuído de acordo com o patamar social da população e suas relações com a sociedade. Para Santos (2003), “a organização econômica é forçada a se adaptar tanto a novas realidades como a realidade herdadas, bem como a necessidade da modernização dinâmica”. Sendo necessário haver a modernização dos meios de produção para gerar um aquecimento na economia urbana, gerando lucro e rentabilidade.

A produção do espaço de Severiano Melo-RN, se deu a partir da valorização da castanha de caju, nos comércios da região. Por a castanha de caju apresentar um excelente preço de mercado, os primeiros moradores começaram a plantar o cajueiro, árvore da castanha de caju. Assim por apresentar mais lucro que os outros produtos cultivados como o feijão, o milho, soldo e até principal fonte de renda na época a carnaúba, foi se espalhando por todo o município, passando a todos os fazendeiros a fazer o plantio. Essa produção deu tão certo, que até o próprio clima tropical, foi preponderante na produção.

Todas as fazendas começaram a produzir em seus espaços produtivos a castanha de caju, uns em pequena quantidade outros em escalas maiores. A partir daí, começou a haver a derrubada dos carnaubais, e a extinção de outras culturas agrícolas existentes, como é o caso do algodão, já que havia um produto mais rentável. Neste sentido está começando assim a modificar os espaços produtivos. Logo havendo uma migração interna e até de outras cidades circunvizinhas para fazer a colheita. Passando a produção a beneficiar não somente os fazendeiros, mas a própria população.

O fenômeno é facilmente verificável [...]. Os primeiros movimentos de capitais e de homens que acompanham a instalação da nova atividade desencadeiam uma série de outros movimentos, que resultam numa redistribuição da população e dos capitais disponíveis sobre espaços mais amplos, tornados, a partir de então, solidários. (SANTOS, 2007, p. 139-140).

No início da produção como não se utiliza tecnologias, o uso do trabalho intensivo torna-se mais utilizado em virtude de os capitais serem reduzidos neste tipo de trabalho, onde o pagamento era feito por diária, que equivale à jornada de um dia inteiro de trabalho ou por produção, sendo o equivalente a toda produção adquirida durante um dia, semana ou quinzena de trabalho. Tudo isso ligado às relações de trabalho apresentadas na produção, “a forma de acordo pessoal entre patrão e empregado” (SANTOS, 1979, p.35).

Alguns proprietários existentes na época detinham de capital, e condições de desmatar suas terras para o plantio do cajueiro em grande escala, assim obtendo mais lucro e dominando o comércio local, já que dominavam maior parte da produção. Já os fazendeiros com uma estreita faixa de terra, não possuía capital suficiente para desmatar e fazer o plantio. Assim ficando subordinado ao proprietário produtor, que detinha de capital e uma vasta área agrícola. São nesses espaços onde os pequenos proprietários também trabalham já sua produção muitas vezes não é o necessário para sua sobrevivência, então se apresentando como força de trabalho ao grande fazendeiro, que necessita de um exército de reserva para efetuar todo um processo produtivo que a castanha de caju passa, desde seu nascimento até a apanha do produto.

3 Cajucultura e a produção do espaço de Severiano Melo-RN

A cidade de Severiano Melo-RN, destaca-se pela produção de castanha de caju que apresenta desde sua criação, mesmo quando era município de Itaú- RN, contendo algumas fazendas, dentre elas algumas se destacavam, onde um desses grandes fazendeiros foi seu próprio o fundador. As fazendas foram sendo, criadas e fixadas em décadas e anos diferentes, isso em virtude do crescimento que a cidade apresentava em determinado momento de sua historia. (figura 02).

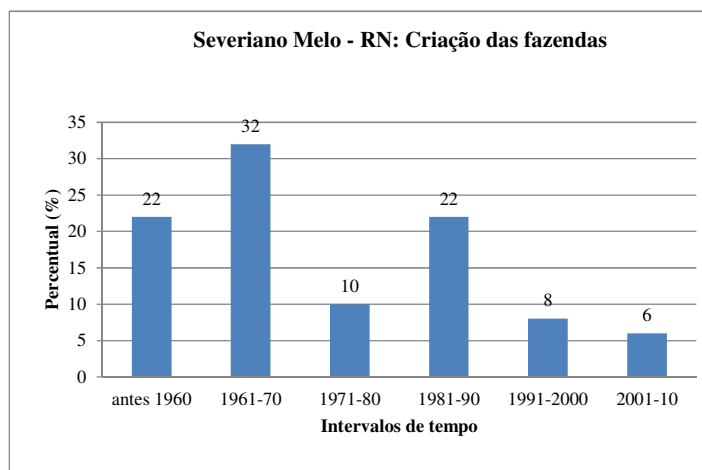


Figura 02: Severiano Melo-RN: Criação das fazendas no município
Fonte: Pesquisa de campo (março de 2011)

De todas as fazendas criadas até hoje no município, só 22% foram criadas antes de 1960, isso em virtude da dependência do município em relação a Itaú, já que fazia parte deste território. Com as alterações no espaço com o desmembramento e conseqüentemente sua emancipação política, passou-se a deter de seu próprio território. Entre os anos de 1961 e 1970 houve um aumento no número de criações de fazendas, onde 32% do total de fazendas foram criadas nesta época, em virtude dos grandes fazendeiros terem muitos filhos e distribuir terras entre eles. Esse aumento se deu pelo fato do crescimento acelerado da economia Brasileira, segundo Silva (1993), época conhecida “milagre Brasileiro”, em virtude do crescimento econômico que o Brasil passava naquele momento.

Assim com a economia em alta, os fazendeiros dispunham de mais recursos para comprar terras. Alguns desses tornaram-se grandes e buscando novas terras sendo por meio de compra direta ao pequeno produtor que era obrigado a vender as terras, estes sendo utilizado como trabalhador na grande fazenda. Assim, para Andrade (2002), neste período, “houve conflitos entre fazendeiros por disputas territoriais”, um querendo dispor-se das terras dos outros, passando a dominar um maior território, conseqüentemente adotar uma posição mais privilegiada entre os grandes do município, mantendo o acesso a terras através do contrato de compra e venda, consolidando o poder dos latifúndios.

Tornando-se fazendeiro, passando a deter de poder, já que delimita uma grande área territorial, mantendo relações econômicas fortes com outros, pressionando os pequenos a lhe venderem o pouco que a eles restaram. O grande latifundiário cria-se as relações de poder, constrói monopólios e determina o espaço econômico vigente. Para Santos (2008) na realidade, a seletividade, relacionada com o consumo por parte dos indivíduos, está limitada a diferenças nas condições sociais e econômicas. Caracterizando-se por uma busca incessante por capital levando ao seu apogeu econômico utilizando-se de outros mecanismos para essa resolução capitalista. Para Oliveira (1989, p.62):

Está se dizendo apenas que, dada uma certa estruturação do sistema em termos de tamanhos das empresas, apenas as empresas do tipo monopolista podem realizar a tarefa da reprodução do capital, e realiza-la buscando o lucro médio de suas unidades e o lucro máximo do conjunto. Para tanto, a homogeneização do espaço econômico é absolutamente necessário: ele realiza a síntese da necessidade de manutenção das taxas de remuneração do capital - uma razão estrutural com a necessidade de fuga de uma conjuntura de recessão, que havia levado a taxa de lucro à níveis baixíssimos.

Já entre os anos de 1971 a 1980, houve uma redução no número de criações das fazendas em Severiano Melo, sendo que apenas 10% foram criadas neste período. Isso em virtude da crise que se instalava no Brasil. Depois de anos de economia em desenvolvimento, começa a se caracterizar uma situação de crise, voltando o país a debater a questão da agricultura, passando a sofrer grande baque econômico. Em relação a essa crise, muitos fazendeiros ficaram sem capital para efetuar a comprar terras, já que muitos dispunham de terras para a venda, somente não existia capital para ser efetuado as transações. Mas entre 1981 e 1990, houve um gradativo aumento no número de fazendas, onde 22% das fazendas foram criadas neste período, isso por meio de intermédio dos bancos, já que os bancos começam a liberar recursos para a compra de terras. Em 1991 e 2000, somente 8% das fazendas foram criadas neste período. Já entre 2001 e 2010, apenas 6% das fazendas foram criadas. Nestas ultimas décadas foram reduzidos o número de fazendas em virtude de grande parte destas criadas neste período deve-se ao fato de herança, conseqüentemente repartição entre pais e filhos, e apenas uma minoria foi criada com recursos próprios.

A distribuição dos fazendeiros em pequenos, médios e grandes produtores de castanha de caju, é distribuída de acordo com o tamanho de sua fazenda e a área de produção em hectares. Os fazendeiros que possuem uma área de produção de castanha abaixo de 100 hectares são considerados um pequeno produtor em virtude de apresentar uma safra inferior ao de outros produtores. Os que detêm uma área entre 101 e 200 hectares são definidos como médio produtor, já os fazendeiros que possuem uma área de plantio de castanha de caju acima de 201 hectares é considerado um grande produtor, este que detém de maior capital e lucro, tendo a mais-valia como seu produto capitalista. De acordo com a separação entre pequeno, médio e grande fazendeiro, ocorre a distribuição dos produtores sobre a área total do município (**figura 03**).

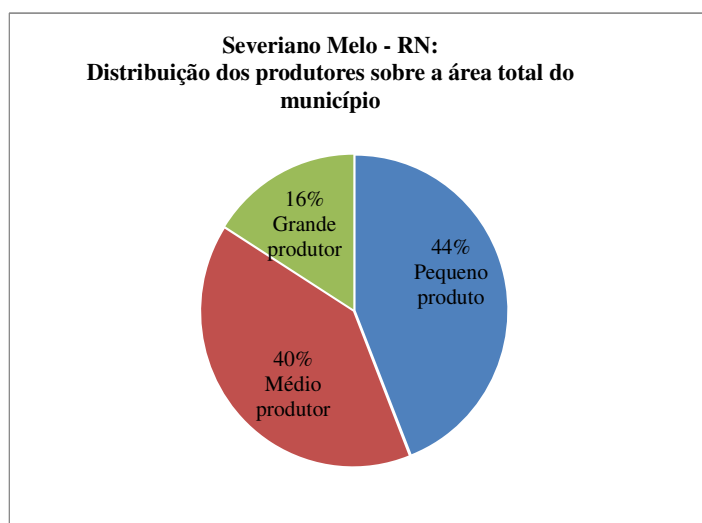


Figura 03. Título. Severiano Melo-RN: distribuição dos produtores sobre a área total do município.

Fonte: pesquisa de campo (Março de 2011).

Os produtores foram distribuídos de acordo com a área total do município. De todos os produtores de castanha de caju, 16% são considerados grandes, sendo responsáveis por dominar a maior parte da produção. Com 40% da produção, o médio produtor, chega a ter média superior ao grande produtor, por buscar novas técnicas para ampliar sua produção, já que é limitada devido à falta de recursos para investir na produção e em virtude da área de plantio ser menor do que o do grande produtor. De todos os produtores, 44% são considerados pequenos. Esses utilizam de sua safra basicamente para a sua própria sobrevivência, variando de acordo com a área de sua fazenda e a área de produção de castanha de caju (figura 04).

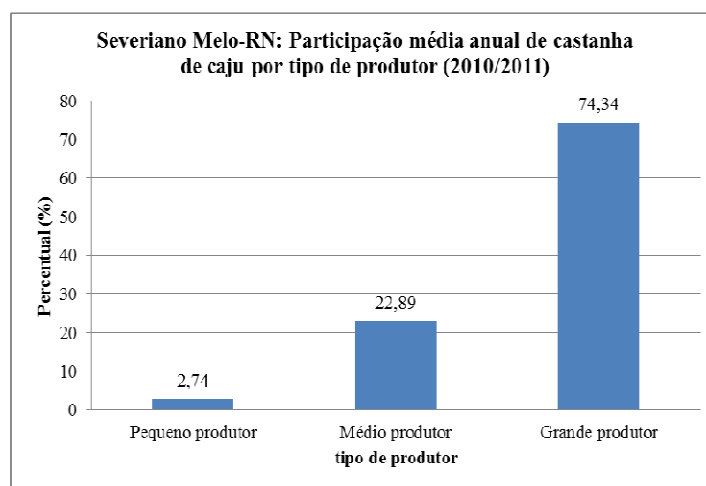


Figura 04. Titulo. Severiano Melo-RN; Participação média anual de castanha de caju por tipo de produtor (2010-2011).

Fonte: Pesquisa de campo (Março de 2011)

Mesmo sendo pequena a quantidade de grandes produtores de castanha de caju em Severiano Melo, estes são responsáveis pela maior parte da produção. Na safra 2010-2011 foram responsáveis por mais de 74,34% de toda a safra, ficando os médios produtores com cerca de 22,89%, e os pequenos produtores mesmo sendo maioria no município produz apenas 2,74% de toda a produção apresentada pelo município.

Nos primórdios do cultivo de castanha de caju no município de Severiano Melo – RN. Era utilizado apenas o uso das mãos e de animais a tração como bois e burros. A máquina era ainda inexistente nos arredores do município, somente uma agricultura de subsistência era praticada, apenas com o uso da foice do machado, e até a própria mata nativa era pouca explorada, e quando era, utilizava-a somente para uso caseiro.

Com uma agricultura voltada somente para a subsistência e sem o uso da máquina para o auxílio na produção de castanha de caju, toda a produção era trocada em outros alimentos para o consumo diário. Com relação a castanha o produto mais valorizado, o que servia de moeda de troca, já que era de bastante agrado a utilização deste produto para o consumo. Já o caju todo ele era desperdiçado, já que a produção era superior ao da castanha, sendo a colheita deste não realizado em virtude da inexistência de fabricas de beneficiamento local e atravessadores para fazer o intermédio deste produto a feiras realizadas nas cidades vizinhas ou até uma fabrica de beneficiamento em outra região. Esse desperdício geralmente provocado pela falta de transporte. Para efetuar o transporte do caju como da castanha para um polo industrial para seu beneficiamento em outra região do país. Com isso os produtores iriam lucrar mais com sua produção.

Sem a contribuição da máquina na produção, e ainda com o espaço pouco alterado, os produtores teriam que utilizar outras técnicas para manter sua produção. Era utilizada a força

motriz no caso o boi para arar a terra, a foice para ripar e a roçadeira manual para roçar o mato próximo ao cajueiro. A inexistência da máquina delimita a produção reduz a safra, enfraquece a economia local, e leva ao agricultor maiores despesas com a produção, já que o número de mão-de-obra utilizada vai ser maior, conseqüentemente os gastos vão ser superior ao lucro no final da safra, ficando assim endividado para ressarcir essa dívida na safra seguinte, onde cada produtor vai ocupar um patamar diferenciado em detrimento de seu nível de renda.

Neste sentido, no início da produção de castanha de caju em Severiano Melo, era basicamente centrada no circuito inferior da economia, onde se caracterizava por uma tecnologia ainda desconhecida, um espaço pouco modificado, ainda utilizando do uso intensivo de mão-de-obra sem o uso de tratores e máquinas que auxiliam na produção, onde sem o uso da máquina a mão-de-obra torna-se essencial na produção. O serviço “braçal” sendo o único utilizado na fazenda, onde este era abundante, mas sem qualidade, já que não dispunha de qualificação necessária para aquele trabalho específico na produção. Apresenta uma organização ainda primitiva sem estrutura alguma, delimitando o uso mais apropriado de suas ideias e de sua fazenda.

Sem o uso de tratores a utilização de animais torna-se a força principal para o auxílio na cajucultura, já que é necessário o uso dessa força tanto na limpa do cajueiro, como no transporte da produção feita do “roçado” até a fazenda. Esta atividade está imbuída no circuito inferior da economia, em virtude da utilização de força animal ou força bruta ao invés de máquinas que lhe garantem uma maior produção. “São essas modificações ocorridas na agricultura que se iniciaram com o arado a tração animal” (ANDRADE, 1993, p.162).

5 A importância socioeconômica da cajucultura em Severiano Melo-RN

O Rio Grande do Norte produz castanha de caju em larga escala, com área de cultivo em 2009-2010 de 118.295 hectares e uma produção média de 45.000 toneladas Conab (2009-2010), se destacando na produção nacional e internacional. Sua safra em grande parte voltada para a exportação, tornando-se uma economia solidificada com perspectiva de crescimento. Isso em decorrência de sua produção movimentar o comércio, ativar as indústrias de beneficiamento e empregar grande parte da população.

No contexto dos fatores sociais e econômicos, o agronegócio do caju é um segmento de grande importância para o Estado do Rio Grande do Norte, uma vez que além de propiciar a geração de renda com o desenvolvimento da atividade no campo, principalmente no período de entressafra das demais culturas agropecuárias, se destaca como um dos principais produtos da pauta de exportação do estado (COSTA, 2009).

A produção de castanha de caju para Severiano Melo, não significa somente mais uma economia agrícola ou produção qualquer. Mas essa é a produção! É o “estopim” de uma economia que aquece a economia da cidade, é através dela que a cidade se mantém, que aquece o comércio e emprega quase toda a sua população. Mesmo que não seja de carteira assinada, todos têm um ganho certo no final do mês.

É uma economia que determina um crescimento, e caracteriza o nível de renda da população local. É a partir de uma nova organização do espaço que Severiano Melo é caracterizado e conhecido regionalmente como “terra do caju”, onde fatores como o clima o solo e sua localização geográfica tornam-se preponderante em seu desenvolvimento. Esta produção é tão acentuada que chega ao ponto de caracterizar a própria cidade. Essa caracterização é tanta que a própria passa a ter um papel decisivo na economia do estado. Já

que a mesma está entre os principais produtores de castanha de caju do estado.

É a partir da castanha de caju que as movimentações econômicas acontecem, desencadeando trocas comerciais com outras cidades, fortalecendo sua base econômica, tornando-se a principal fonte de renda da cidade. Isso ocorre em virtude de a produção empregar quase toda a população local, além de empregar pessoas que vem de outras cidades em busca de emprego, de melhores qualidades de vida. Muitas vezes essa qualidade de vida é adquirida, a partir de empenho e trabalho, mas em outras vezes fica a desejar. Para Santos (1979), “É dessas realidades que vive toda uma massa de pessoas, sobre tudo os recém-chegados à cidade, porque é mais fácil encontrar uma ocupação nesse setor, quando se chega sem preparo cultural ou profissional sem recursos financeiros”.

A cajucultura torna-se a principal fonte de renda da cidade, em virtude de não apresentar outra economia que ao lado da castanha de caju aquecesse o comércio e empregasse a população. Para Ortega (2004), “Verifica-se também que a qualidade de vida das pessoas inseridas e envolvidas no processo mudou para melhor”. Somente a prefeitura da cidade consegue empregar, mesmo assim é um contingente muito reduzido de pessoas, e geralmente pessoas qualificadas para os cargos postos a disposição. O próprio comércio que é movimentado pela produção, emprega um número que chega a ser até insignificante em relações aos comércios de outras cidades, que chega a empregar quase toda sua população.

A cidade torna-se dependente da produção, o comércio passa a depender exclusivamente desta. No ano em que a safra é superior a média anual, gira mais capital no mercado, aquece a economia e a população passa a ter um poder de compra maior do que o normal. Mas no ano em que a safra é fraca ou reduzida, desencadeia uma serie de fatores que enfraquece a economia local, como a falta de capital, a falta do produto no mercado, sendo este o propulsor do enfraquecimento no comércio local.

O primeiro fator para a desaceleração da economia é a queda na produção, minimiza o número de trabalhadores, os lucros ficam mais escassos para o produtor. Com isso diminuem o poder de compra tanto dos trabalhadores como do cajucultor. Assim diminuindo o capital de giro, conseqüentemente esfria o comércio local. A cidade passa a perder sua hegemonia financeira que desfruta durante a safra da castanha de caju. Isso só vem a acrescentar ao quando a cajucultura é imprescindível para o crescimento Severianense. Se a produção acelera a cidade cresce junto, se a produção cai à cidade vai junto. É uma dependência total, sendo a maior parte da população e todo o comércio local dependente dessa produção. É uma economia baseada em uma produção, sabendo que em momentos pode estar por cima outra hora estar por baixo. Isso é quem depende somente de uma atividade para manter sua base econômica forte.

Somente a abertura de outras economias que poderia mudar essa geografia. A cidade passar a não depender apenas de uma só economia, o próprio comércio iria crescer mesmo nos anos em que a produção seja fraca, e a população iria ter outra fonte de renda, ganhando um poder de compra e uma estabilidade econômica. Saindo ganhando todos que fazem parte da famosa “terra do caju”.

4 A mecanização da cajucultura e a transformação econômica de Severiano Melo-RN

Com o passar dos anos, os produtores de castanha de caju de Severiano Melo foram alterando os espaços produtores, modernizando sua produção, em virtude de um aprimoramento de novas técnicas e tecnologias que começavam a surgir em diversas fazendas. Essas novas tecnologias trazem ao produtor mais rentabilidade e uma maior produção, gerando mais lucro e menos trabalho. Com a “revolução” tecnológica na produção,

os produtores passaram a expandir sua produtividade, conseqüentemente gerando maior lucro. Para Andrade (2005), o desenvolvimento da tecnologia beneficiou os que controlavam o processo de acumulação, feito através da concentração da riqueza e da acentuação dos desníveis sociais. Determinado pelo nível de renda de cada fazendeiro e do nível de renda dos trabalhadores rurais. Essas novas tecnologias foram máquinas que surgiram na agricultura, como o trator e a grade de disco ou de arrasto passando a substituir a força animal, sendo o responsável ao corte da terra. Surgem também motosserras, deixando de lado a antiga foice, as roçadeiras movidas a tratores no lugar das roçadeiras manuais. Esses instrumentos entram em cena para mudar para melhor a vida dos produtores.

A revolução no campo do consumo tem sido acompanhada por uma deformação da estrutura do consumo (FURTADO, 1968), resultando nas novas formas de produção e comércio. A escala e as condições das novas formas de produção dependem do progresso tecnológico emanado dos polos (SANTOS, 2008, p.95).

O cajucultor pode ampliar seu espaço de produção, já que detém de máquinas que podem os auxiliar na produção, gastando menos tempo e dinheiro, lucrando mais, em virtude de não utilizar de um número considerável de pessoas trabalhando em sua fazenda, podendo essas máquinas fazerem os serviços quase por completo. Somente sendo necessário o uso de poucas pessoas para manusearem essas máquinas.

Isso ocorre devido o modo capitalista de produção impor ao fazendeiro a compra dessas máquinas para haver uma ampliação na produção e um desenvolvimento no modelo produtivo e uma alteração no espaço. Tendo uma maior produção conseqüentemente maior será o capital em circulação, sendo isso o preferido do modo capitalista, essa movimentação. Alguém vai se beneficiar dessas movimentações econômicas, somente o sistema vai definir para onde será enviado todo esse acúmulo excessivo de capital. Onde o sistema capitalista determinasse o meio em que estamos inseridos, demarcando sua área de atuação, criando para os agricultores uma nova agricultura, com novas formas de atuar sobre uma deficiência apresentada pelos agricultores, passando assim a “chefiar” todo o modo de produção ocorrida no campo.

Com a industrialização da agricultura as limitações impostas pela natureza à produção agropecuária vão sendo gradativamente superadas. É como o sistema capitalista passasse a “fabricar” a natureza adequada à sua sede de maiores lucros, a partir das conquistas tecnológicas da sua própria indústria (SILVA, 1993, p.23).

Mas, com toda essa produtividade, foi necessário buscar novos mercados consumidores, novos lugares que conseguissem absorver toda a produção, já que a cidade não suportava absorver toda essa produção. Pois a cidade além de não deter de um mercado que suportasse a produtividade, não detinha de fabricas para o beneficiamento do produto, tanto da castanha (fruto) como do caju (falso fruto).

Com a expansão do comércio e o aumento da produção foi se abrindo novos pontos de comércio e novas rotas de compra e venda, começando a girar o capital, sendo aos poucos valorizada, e a castanha de caju passa a ganhar status no cenário local, regional e até nacional.

Essa modernização na produção se deu e dar-se de forma moderada, em virtude de todos não deterem de capital para adquirirem máquinas para sua fazenda. Mesmo com essa modernização no campo, a mão-de-obra (serviço braçal) continua sendo o principal item para a apanha da castanha de caju. Para Cunha (2009, p.11) “A produção capitalista pressupõe a expropriação da população, de modo a que o trabalhador só tenha a vender sua força de

trabalho”. Mesmo com essa modernização na agricultura, decorrente das modificações no espaço, da cajucultura, a existência do circuito inferior é preponderante sobre a produção.

Com essa difusão de máquinas e equipamentos agrícolas, os produtores não detêm de grandes quantidades, isso em virtude do preço e dos serviços burocráticos do produtor até a fabricante. Então muitas vezes torna-se mais viável ao invés da máquina o trabalhador rural. Onde o trabalhador rural não cobra salários por seu trabalho, e sim seu pagamento é feito em formas de diária ou por produção. A diária é o equivalente ao período que ele trabalha durante o dia, já a produção equivale ao valor de sua produtividade ou do seu nível de renda durante certo período de tempo. Onde para o produtor torna-se mais barato e viável o uso do trabalhador rural, pois trabalha mais, obtém mais lucro, e os gastos muitas vezes são menores.

Quanto às relações de produção, por outro lado, a legislação trabalhista trata de tornar a força-de-trabalho uma mercadoria totalmente desenvolvida e específica, com preços uniformizados, guardando diferenças regionais dissolvendo o dualismo que tendia a formar-se entre os distintos mercados de trabalho (OLIVEIRA, 1981.p.74).

Isso geralmente ocorre pelo fato da grande concentração de um “exercito de reserva” pronto para trabalhar na produção, não importando em qual área irá trabalhar. Isso geralmente ocorre em virtude de seu nível de renda e das necessidades por eles apresentadas. Assim criando uma dualidade dentro da cidade, onde uns trabalham para sobreviver, enquanto outros luxam e se divertem à custa da mais-valia dos grandes fazendeiros exploradores de homens “livres” que regem sua vida de acordo com o seu trabalho designado por uma luta diária e árdua, ocorrida de sol a sol, sem previsão de um término.

A presença de uma massa populacional com salários muito baixos, dependendo de trabalho ocasional para viver, ao lado de uma minoria de altos salários, cria na sociedade urbana uma distinção entre os que têm permanência acesso aos bens e serviços oferecidos e os que, mesmo apresentando necessidades similares, não podem satisfazê-las (SANTOS, 2008, p.95).

Nestes moldes, as fazendas produtoras de castanha de caju, em virtude de seu tamanho e de sua produtividade, utilizando de um número determinado de trabalhadores. Esses responsáveis por todo o processo produtivo, desde a limpa do cajueiro até a colheita (**figura 05**).

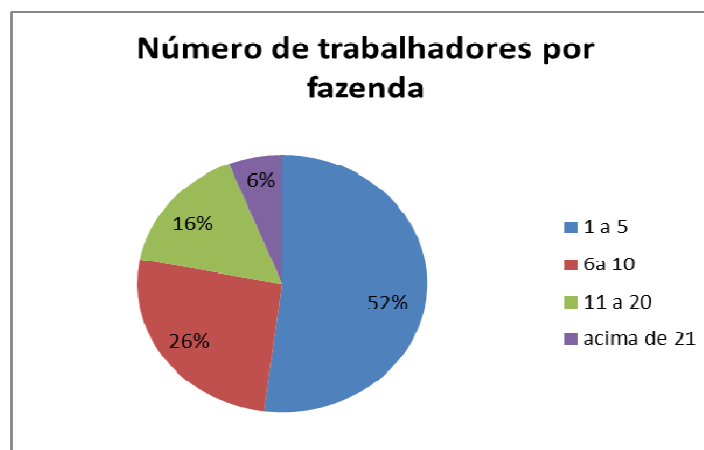


Figura 05. Severiano Melo-RN: Número de trabalhadores por fazenda
Fonte: pesquisa de campo (Março 2011)

Em Severiano Melo, 52% do número de trabalhadores inserido nas fazendas são entre 01 e 05. São geralmente os pequenos produtores, que detém de uma pequena safra e com um número reduzido de pessoas podem fazer a colheita. Já o número de trabalhadores de 6 a 10 corresponde a 26% e de 11 a 20 trabalhadores correspondem a 16% nas fazendas, essas geralmente são as médias, que precisam de contingente maior de pessoas para fazer a colheita. Somente 6% das fazendas utilizam acima de 21 trabalhadores, esses geralmente são os grandes produtores do município, que para o processo produtivo necessitam de um contingente maior para efetuar a colheita.

Esse tipo de trabalho torna-se constante, em virtude de no circuito inferior o capital, dinheiro que movimenta a produção, ser escasso, com isso o capital de reserva torna-se inexistente. Onde os bancos são pouco procurados pelo fato da burocracia, onde o pequeno produtor teme ao banco tomar sua terra, pelo fato de muitas vezes os juros serem altíssimos e não conseguirem pagar. Como consequência, os empréstimos são feitos aos agiotas ou a intermediadores que futuramente irá comprar sua safra, descontando o empréstimo que havia sido efetuado, mas como consequência, um alto juro foi cobrado, geralmente tão grande que muitas vezes a própria safra não dá para cobrir o empréstimo efetuado, assim a dívida é prorrogada ao ano seguinte, tornando-se uma “bola de neve”, já os empréstimos feitos aos agiotas também são cobradas altas tarifas de juros, mas a burocracia neste caso não existe. Isso ocorre em virtude do empréstimo ser feito de forma direta, entre o fazendeiro e o agiota, sem precisar de documentação alguma para realizar esse tipo de empréstimo.

No circuito inferior a margem de lucro do produtor torna-se maior, em virtude de ter o mercado a sua disposição para a venda direta ou indireta da produção. Sendo que não necessita de propaganda para venda da castanha de caju, pois um grande número de compradores reside ou conhece a região e em época de safra vem efetuar a compra do produto. Analisando e discutindo a questão de preço, para Filho, Guanziroli, Figueiredo (2010) “o preço apresenta sazonalidade durante o ano. Em um ano de produção normal, é mais elevado no início da safra, cai no pico e volta a subir no final”. Com essas alterações durante a safra, favorece somente o comprador, que são geralmente os atravessadores são quem faz a compra de quase toda a Safra. Em virtude dessa venda aos atravessadores sem o auxílio de uma associação ou cooperativa, grandes números de produtores não estão organizados em associações ou cooperativa, para efetuar o beneficiamento de sua produção, gerando através deste mais lucro e rentabilidade. Ainda apresentando uma organização primitiva, somente voltada para melhor cuidar da fazenda, assim as atividades do circuito inferior são maioria no que concerne a produção de castanha de caju em Severiano Melo-RN. Santos (1979), a existência de intermediários é a própria condição, a base, das possibilidades estruturais de funcionamento da economia. São os intermediários que dominam no comércio local, designando valor e concorrência da produção.

6 Considerações finais

A produção do espaço de Severiano Melo-RN, se deu a partir da produção de castanha de caju, sendo está a principal atividade econômica da cidade. Como não se utiliza assiduamente as novas tecnologias, o uso do trabalho intensivo torna-se mais utilizado em virtude de os capitais serem reduzidos neste tipo de trabalho, sendo formado de atividades de pequena escala, estando direcionada a população pobre, voltada para as atividades de fabricação tradicional, desempenhando um papel moderado dentro do sistema capitalista, onde não acompanha de perto as novas tendências capitalistas, e não seguindo os padrões modernos de uma produção, cada vez mais voltada para o consumismo e para a arrecadação

de capital.

Verifica-se que a produção de castanha de caju do município de Severiano Melo, trás em seu bojo a concepção de que é forte sua dependência sobre este produto, e seu desenvolvimento se constrói em uma articulação de capital e lucro onde os grandes produtores utilizando de sua mais-valia para aumentar seu lucro, a partir de estratégias táticas para ampliar seu potencial econômico.

A cajucultura é a atividade mais desempenhada no município de Severiano Melo-RN. Além de ser sua principal atividade, torna-se sua a base econômica do município, gerando renda e trabalho para sua população, até mesmo trabalhadores advindos de outras cidades. É a partir dessa produção, que o município vem se destacar entre os principais produtores de castanha de caju do estado, assim desempenhando um papel preponderante na economia do estado.

Apesar das vantagens de seu cultivo para o município, o lucro maior não fica na cidade e sim em outras. Isso ocorre em virtude da cidade não dispor de fábricas de beneficiamento de castanha e de caju, sendo essa produção toda escoada principalmente para as cidades vizinhas, como Itaú-RN e Mossoró-RN. São estes os principais compradores da produção do município. Onde o produto é beneficiado e vendido ao comércio, efetivando um lucro ainda maior. Outro problema enfrentado pelos produtores é a questão da venda da produção não ser feita diretamente as fábricas de beneficiamento, e sim por intermédio de atravessadores, estes são os responsáveis por quase toda a compra da produção do município. Ao invés de o lucro ser somente do cajucultor, esse lucro é reduzido, já que o intermediário é o responsável pela compra e venda da produção.

É com perspectiva de crescimento que os produtores analisam a produção de castanha do município, sendo a partir desta efetivado um desenvolvimento prospero a base de sustentação de quase toda uma cidade, mostrando o tamanho da dependência desta sobre a produção, esta que rege e aquece toda uma economia, movimentando o comércio, e os serviços em geral. A partir da produção de castanha de caju, passa a população a melhorar de vida, apresentando um novo papel na sociedade, sempre buscando condições ideais para sobrevivência e para manter seus melhores padrões de vida.

7 Referencias

ANDRADE, M.C. **A terra e o homem no nordeste**: contribuição ao estudo agrária no nordeste. 7ª. Ed. São Paulo. Cortez, 2005.

_____. **O nordeste e a questão regional**. 2ª. Ed. Ática. São Paulo. 1993.

_____. **Espaço agrário brasileiro: velhas formas, novas funções, novas formas, velhas funções**. Geosp. São Paulo. N. 12, p. 11 – 19. 2002.

CARNEIRO, R. N. **Produção do espaço e circuitos de fluxos da indústria têxtil de São Bento-PB**: Do meio técnico ao meio técnico científico – informacional. 2006. 138f. Dissertação (Mestrado em geografia)- centro de filosofia e ciências humanas, universidade federal de Pernambuco, Recife (2006).

COSTA, L. G. A. **Dados conjunturais de castanha – de – caju**: Rio Grande Do Norte safra – 2009 –2010. Natal: CONAB. Disponível em:<<http://www.conab.gov.br>> Acesso em: 25-05-2011.

CUNHA, Fábio C. A. Da. **O discurso na produção social do espaço**. XV encontro nacional de geógrafos. São Paulo, 2008.

FILHO, H. M. S. GUANZIROLI, C. E. FIGUEIREDO, A. M. JÚNIOR, A. S. V. **Barreiras às novas formas de coordenação no agro sistema do caju na região nordeste, Brasil**. Gest. Produf são Paulo, v.17, n2. Maio de 2010, p. 229-244.

OLIVEIRA, F. **Elegia para uma Re(li)gião**: Sudene, nordeste e conflitos de classes. 3ª ed. Paz e terra, Rio de janeiro. 1981.

_____. **A economia da dependência imperfeita**. 5. Ed. Graal. Rio de janeiro. 1989.

ORTEGA, A. L. NUNES, E. M. GODEIRO, K. F. Característica e limites de uma experiência de desenvolvimento rural: o caso de Serra do Mel-RN. **Revista econômica do nordeste**. Fortaleza. v 35, n.4, out/dez. 2004.

ROSSINI, R. E. A produção do no espaço rural: pressupostos gerais para a compreensão dos conflitos sociais no campo. **Revista de Geografia Agrária**. São Paulo. V. 04, n. 08, agosto de 2009.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. 4ªed. São Paulo: Editora Edusp, 2004.

_____. **Economia espacial**. 2ªed. São Paulo: Editora Edusp, 2003.

_____. **Da totalidade ao lugar**. 1ªed. 1. Reimpressão. São Paulo: Editora Edusp, 2008.

_____. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro: Editora S.A, 1979.

SILVA, J. G. **O que é questão agrária**. 2ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.